

**TRADUÇÃO DE ODES DE HORÁCIO COM MATÉRIA ERÓTICA
EXPURGADAS POR ELPINO DURIENSE**

Alexandre Pinheiro Hasegawa¹

Resumo: Neste artigo, apresentamos 1) comentário às traduções feitas por Elpino Duriense, poeta árcade do séc. XVIII, das *Odes* de Horácio, publicadas em 1807, um ano depois da tradução de José Agostinho de Macedo (1761-1831); 2) os poemas que o poeta português expurgou de sua edição, pela matéria erótica, já que a obra era destinada, sobretudo, à mocidade de seu tempo. Assim, a partir do expurgo do árcade, temos uma antologia da lírica erótica horaciana.

Palavras-chave: Elpino Duriense; Horácio; matéria erótica; *Odes*; tradução.

Abstract: In this paper we present: 1. a commentary to the translations of the *Odes* of Horace made by Elpino Duriense, a 17th century Portuguese poet belonging to the Arcadian literary circle, published in 1807, one year after the translation by José Agostinho de Macedo (1761–1831) was published; 2. the poems expurgated from the poet's edition due to their erotic matter, once the publication was aimed, above all, to the youth of his time. In this way, as a result of the Arcadian poet's expurgations, an anthology of Horace's erotic lyric was compiled.

Keywords: Elpino Duriense; Horace; erotica; *Odes*; translation.

O jurisconsulto Antônio Ribeiro dos Santos, conhecido como Elpino Duriense, seu pseudônimo arcádico, nasceu no Porto em 1745. Educado pelos jesuítas, licenciou-se em Filologia e Humanidades no Rio de Janeiro e em Direito Canônico na Universidade de Coimbra, onde se tornou o primeiro diretor de sua biblioteca. Chegou a ser também diretor da Biblioteca Pública de Lisboa, a partir de 1796. Morreu em 1818 na capital portuguesa, deixando vasta obra poética e tradutória.

Elpino Duriense traduziu dos autores gregos, como nos elenca Maria Helena da Rocha Pereira², “dois excertos da *Ilíada* de Homero (I, 1-120 e VI, 466-493), o idílio de Bión à morte de Adónis, seis *Anacreonteia* (das quais duas com dupla versão), a chamada ‘Ode de Safo a Fáon’, e o Amor Fugitivo de Mosco”. Ainda lhe é atribuída uma versão da *Poética* de Aristóteles, estampada em Lisboa em 1799, mas, de acordo com Luís de Sousa Rebelo³, a autoria da tradução “constitui um problema bibliográfico, dividindo-se as opiniões entre Ricardo Raimundo Nogueira e Antônio Ribeiro dos Santos”. Da poesia latina, além das *Odes* de Horácio, verteu “dois episódios de Lucrécio (o exórdio, I, 1-20,

¹ Professor de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo (FFLCH/DLCV), que se dedica atualmente ao estudo das *Odes* de Horácio, sobretudo à organização dos livros poéticos, pesquisa resultante de sua tese de doutorado sobre os *Epodos* do poeta latino. Em sua dissertação de mestrado, estudou as *Bucólicas* de Vergílio, publicada em 2012 (*Os limites do gênero bucólico em Vergílio: um estudo das éclogas dramáticas*, São Paulo: Humanitas). Lidera, conjuntamente com João Angelo Oliva Neto, o grupo de pesquisa *VerVe: Verbum Vertere* - Estudos de Poética, Tradução e História da Tradução de Textos Latinos e Gregos, e o *Hellenística*, grupo de pesquisa que se dedica aos autores do período helenístico, coordenado conjuntamente com Fernando Rodrigues Jr.

² PEREIRA 1972: 192. As traduções de Elpino Duriense foram publicadas na edição de suas *Poesias*, em três tomos publicados de 1812 a 1817.

³ REBELO 1982: 88.

e o trecho sobre a origem da linguagem, V, 1028-1090); os primeiros trezentos versos da *Eneida*; o prefácio e a primeira fábula de Fedro⁴.

Como tradutor, Elpino segue os passos de Filinto Elísio (pseudônimo do padre Francisco Manuel do Nascimento, 1734-1819), que certamente leu suas traduções da lírica do poeta romano, já que dedica seu *Discurso acerca de Horácio e suas obras* “ao Ilustríssimo Desembargador da Mesa da Consciência e Ordens, Antônio Ribeiro dos Santos, agradecendo-lhe o prazer que me deu a leitura da sua Tradução das *Odes* de Horácio⁵”. Portanto, traduz Elpino *uerbum pro uerbo* (palavra por palavra), como *fidus interpres* (fiel tradutor). Assim diz em sua “Prefação”:

A tradução é literal, indo, quanto nos foi possível, palavra por palavra após Horácio, repondo sem diminuição nem acréscimo as suas imagens, tropos e figuras, as suas fórmulas e transições, o seu estilo conciso e apanhado, a maneira poética das suas frases e das transposições na dicção e até uma parte das posições e remates terminantes de seus versos e estrofes, persuadidos que o verdadeiro tradutor não é imitador nem parafrasta, senão fiel copiadador e retratista: *fidus interpres*⁶.

Para exemplo de alguns destes preceitos, vejamos a tradução da primeira estrofe do *carm.* 2.19.1-4:

Bacchum in remotis carmina rupibus
vidi docentem (credite poster)
Nymphasque discentis, et auris
capripedum Satyrorum acutas

Vi Baco nas remotas fragas, versos
(crede, vindouros) ensinando, e as Ninfas,
e as agudas orelhas, aprendendo,
dos sátiros caprípedos.

A tradução é concisa e segue “palavra por palavra após Horácio”. O original traz 17 palavras e a tradução apresenta 20. As três a mais são o artigo “as”, repetido duas vezes, e a preposição mais artigo “dos”. Ora, em latim não há artigo e o caso genitivo, indicando posse, se traduz pela preposição “de”. Assim, descontadas estas palavras, Elpino passa “toque por toque o original que verte”, para usar as palavras de Filinto Elísio, em seu *Observações sobre a arte de traduzir*⁷. Para realizar esta tarefa, traduz, por exemplo, *capripes* (que tem pés de cabra) por “caprípedos”, palavra que cunha a partir do latim. Isso faz mais de uma vez na tradução e em suas poesias, como é característica dos poetas de seu tempo⁸.

⁴ PEREIRA 1972: 193.

⁵ ELÍSIO em MOREIRA 2001: 153.

⁶ A expressão *fidus interpres* é horácia (cf. *ars* 133-134), em que o poeta recomenda a quem compõe que não seja como um *fidus interpres* que traduz palavra por palavra (v. 133: *uerbo uerbum... reddere...*).

⁷ ELÍSIO em MOREIRA 2001: 296.

⁸ Diz PEREIRA (1972: 190), arrolando diversos exemplos: “Dentro das tendências postas em voga pelos árcades, estava também o uso de latinismos, em que Elpino é pródigo, bem como de neologismos (...)”.

Ao construir em português o polissíndeto (**e** as Ninfas,/ **e** as agudas orelhas...), refaz a figura do original (*Nymphasque discentis, et auris*). Mantém ainda o tropo ao dizer que “as agudas orelhas” aprendem. Os hipérbatos do original são de algum modo mantidos: por exemplo, ao separar “as agudas orelhas dos sátiros caprípedos”, interpondo “aprendendo”. Enfim, como o próprio anuncia, repõe “imagens, tropos e figuras” da ode.

Elpino Duriense mantém quase sempre o número de versos do original. Os 32 de Horácio são traduzidos pela mesma quantidade, sem diminuição nem acréscimo; cada estrofe latina corresponde a uma portuguesa, como se vê no exemplo acima. Parece, portanto, ainda que o autor não o explicita, que manter o número de versos do original é um preceito regulador da sua tradução.

Esta característica faz com que o poeta árcade escolha determinado esquema métrico. A grande maioria das traduções segue a estrofe de quatro versos, formada por três decassílabos seguidos por um hexassílabo, como na estrofe acima. Assim, consegue manter o mesmo número de versos, já que Horácio também utiliza em sua grande maioria estrofes de quatro versos.

O segundo esquema métrico mais frequente é a utilização do decassílabo por todo o poema, como se vê em 1.1; 1.6; 1.11; 1.28; 3.30; 4.8; 4.10, quase sempre acompanhando a construção *katá stíchon* do original⁹. A terceira mais frequente é a utilização da estrofe sáfica¹⁰, composta de três decassílabos seguidos por um tetrassílabo como se vê em 1.12; 1.22; 2.10; 4.2. Essas peças, no original latino, também são vazadas em estrofe denominada sáfica. São únicos o terceto de 1.8¹¹ (formado por dois decassílabos e um hexassílabo), o quarteto de 1.21¹² (formado por três eneassílabos e um verso de quatro sílabas) e o dístico de 4.7¹³ (formado por decassílabo seguido de hexassílabo). Embora a variação do tradutor não seja rigorosamente igual à variação de estrofes e metros utilizados por Horácio, observa amiúde as mudanças e cria combinações métricas para a poesia portuguesa.

Vejamos agora tradução das duas primeiras estrofes do *carm.* 2.7.1-8:

O saepe mecum tempus in ultimum
deducte, Bruto militiae duce,
quis te redonavit Quiritem
dis patriis, Italoque caelo,

Pompei, meorum prime sodalium?
Cum quo morantem saepe diem mero
fregi, coronatus nitentis
malobathro Syrio capillos

Ó tu comigo muita vez exposto,
sob o mando de Bruto, ao lance extremo,
quem te tornou Quirite aos pátrios deuses
e ao céu da Itália, Varo,

⁹ Das odes aqui arroladas, apenas 1.6 (estrofe de quatro versos) e 1.28 (dístico) não utilizam somente um verso.

¹⁰ Para esquema, denominação e uso, ver CHOCIAY 1974: 157.

¹¹ O original é formado por dístico (um verso aristofânico ou pequeno sáfico, seguido por um sáfico de quinze sílabas ou sáfico maior).

¹² No original, poema é composto em estrofe asclepiadéia B.

¹³ Encontra-se também um dístico no latim (hexâmetro seguido por um ternário datílico cataléptico).

voltu. Quid aeternis minorem
consiliis animum fatigas?

Cur non sub alta vel platano, vel hac
pinu jacentes sic temere, et rosa
canos odorati capillos, **15**
dum licet, Assyriaque nardo

potamus uncti? Dissipat Evios
curas edacis. Quis puer ocius
restringet ardentis Falerni
pocula praetereunte lymphae? **20**

Que cousas pense o Cântabro guerreiro,
e o Cita, pelo oposto Adria cortado,
deixa, ó Hirpino Quíncio; nem trepides
co'as provisões da vida,

que pouco pede. Para traz já foge **5**
a leve mocidade e a louçania,
que a árida velhice o amor lascivo
e o fácil sono expele.

Nem sempre a verna flor co'a mesma gala,
nem rubra lua c'um só vulto brilha. **10**
Por que o sprito menor, que os teus eternos
projetos afadigas?

Por que jazendo à sorte, enquanto é dado,
sob alto plátano ou sob este pinho,
brancos cabelos recendendo em rosa, **15**
d'Assírio nardo unguentos,

não bebemos? Mordaz cuidado Evías
dissipa. Qual virá moço mais presto
temperar co'a corrente linfa os copos
do abrasado falerno? **20**

Novamente, os vinte versos do original são traduzidos pelo mesmo número, ou, se se preferir, as cinco estrofes latinas tornam-se cinco estrofes portuguesas. Elpino segue tão de perto Horácio que, como disse na “Prefação”, chega a manter “parte das posições e remates terminantes de seus versos e estrofes”. O verso 6, que no original tem *levis juvenas et decor, arida*, mantém as quatro palavras iniciais correspondentes na mesma seqüência: “a leve mocidade e a louçania; o verso 9, que começa no original latino por *Non semper*, mantém as palavras traduzidas no início: “Nem sempre...”; o verso 10, que termina no original latino por *nitet*, mantém a palavra correspondente no fim: “...brilha”; o verso 17, que no original se fecha com *Evios*, mantém a palavra traduzida no final: “Evías”.

Se se observa ainda a penúltima estrofe (vv.13-16), em que se inicia a pergunta mais longa do poema com *Cur* (“Por que...”), à repetição de *vel* (v. 13) parece responder

Elpino com a repetição de “sob” (v. 14). Assim, nos versos 14 e 15, reúne muitas consoantes “b” e “p” (*sob* alto plátano ou *sob* este pinho,/ brancos cabelos), ornando sonoramente os versos, como é, por exemplo, o verso 15 do original latino com a aliteração de *canos...capillos* (brancos...cabelos).

A pergunta, porém, que começa no verso 13, não se conclui no 16, já que o verbo principal (*potamus*), junto com particípio passado (*uncti*), está presente no primeiro verso da estrofe seguinte (v. 17). Se o tradutor não observa, na tradução, os *enjambements* do verso 13 para o 14 e do 14 para o 15, nota e traduz o transbordamento sintático de uma estrofe para outra, com a suspensão de sentido no deslocamento do verbo principal *potamus* (bebemos) para o verso 17. Se alguém aqui pode estranhar e talvez até criticar, dizendo que a tradução é obscura, que *screve* “sob o vedado sol”, de acordo com os preceitos expostos pelo próprio Elpino em sua “Prefação” tal construção é absoluta fidelidade.

Coerente ainda com seus princípios, o tradutor português censura a última estrofe do *carm.* 2.11. Elpino Duriense, tanto no texto quanto na “Prefação”, anuncia as omissões, realizadas por decoro¹⁷: no texto original e na tradução, a censura vem indicada com pontilhado; no prefácio, assim justifica as odes e versos ausentes:

Com o texto de Horácio entesta a tradução que desejávamos bem fazer nas horas sobejas dos foros de nossa profissão, porque desta maneira tivessem os moços ante os olhos a um mesmo tempo o original e a cópia e pudessem assim mais facilmente entender a letra e o espírito do texto pela tradução do português. Houvemo-nos, porém, nisto de tal sorte que deixamos algumas odes e suprimimos alguns lugares de outras em que a licença pagã e a imitação ou tradução dos gregos fez demasiar o poeta, ou no assunto, ou na doutrina, ou na maneira, imitando nesta parte o louvável exemplo de alguns de seus editores e cumprindo com a honestidade de cristão e respeito devido aos leitores, maiormente aos moços.

Enfim, para cumprir com “a honestidade de cristão e respeito devido aos leitores [da época], maiormente aos moços”, elimina “a licença pagã” da edição, como alguns outros editores já tinham feito e muitos outros ainda fariam¹⁸ não só em relação a Horácio, mas também outros poetas. Para se ter idéia da censura no séc. XVIII português, ela constava nos estatutos da Arcádia Lusitana (1757-1774)¹⁹, redigidos pelo poeta Correia Garção (1724-1772?):

Um meio braço pegando em um podão com a epígrafe – *Inutilia truncat* – será a empresa da Arcádia; por ser este o instrumento com que os agricultores cortam das árvores os ramos viciosos; e o emprego da Arcádia examinar com uma exacta crítica as obras dos seus Pastores, e separar o bom do defeituoso. Esta empresa se conservará gravada no lugar das Conferências e no selo do Secretário, o qual terá de mais na sua circunferência esta inscrição – *Sigillum Moenali Pastorum*²⁰.

¹⁷ Para estudo desta noção e da censura da tradução de Cândido Lusitano (1719-1773) das *Metamorfoses* de Ovídio, ver PREDEBON 2006: 91-110.

¹⁸ Ver, por exemplo, edição de TESCARI (1948), muito posterior, que elimina quase as mesmas *Odes* censuradas por Elpino.

¹⁹ Renascida depois, em 1776, sob o nome de Nova Arcádia, abrigou nome como Bocage e José Agostinho de Macedo e Curvo Semedo (1766-1838) e foi extinta definitivamente em 1794.

²⁰ Em PREDEBON 2006: 106.

Assim, faltam na edição de 1807 os seguintes trechos e poemas: **do livro 1**, os vv. 19-20 da Ode 4, os vv. 17-20 da Ode 6, a Ode 13, a Ode 19, a Ode 25, a Ode 33 e os vv. 17-20 da Ode 36; **do livro 2**, a Ode 4, a Ode 5, a Ode 8, os vv. 21-24 da Ode 11 e os vv. 25-28 da Ode 12; **do livro 3**, os vv. 25-32 da Ode 6, a Ode 9, a Ode 10, a Ode 12, a Ode 15 e a Ode 20; **do livro 4**, a Ode 1 e os vv. 21-36 da Ode 11.

Como anunciamos, seguem-se as odes expurgadas. Em relação aos metros, não seguimos os escolhidos por Elpino Duriense. Mantivemos, diferentemente do poeta árcaico, o mesmo esquema métrico para traduzir os poemas vazados no mesmo metro. Não há, porém, uma relação simétrica entre os metros do original e os da tradução, mas procuramos variar para que houvesse alguma correspondência com a variedade métrica de Horácio. Quanto aos preceitos que regem esta tradução, tentamos seguir os estabelecidos pelo tradutor português, preservando figuras, tropos e até posições de palavras no verso. Porém, o leitor reconhecerá o Horácio do séc. XVIII e o do XXI.

Antologia da lírica erótica de Horácio com resumo e notas²¹

1.13

Primeira estrofe asclepiadeia: dístico formado por glicônio seguido por asclepiadeu menor (repete-se em **1.19**; **3.9**; **3.15**; **4.1**)

— — — ∪ ∪ — ∪ ^
— — — ∪ ∪ — — ∪ ∪ — ∪ ^

Cum tu, Lydia, Telephi ceruicem roseam, cerea Telephi laudas bracchia, uae, meum feruens difficili bile tumet iecur.	5
Tunc nec mens mihi nec color certa sede manet, umor et in genas furtim labitur, arguens quam lentis penitus macerer ignibus.	10
Vror, seu tibi candidos turparunt umeros inmodicae mero rixae, siue puer furens inpressit memorem dente labris notam.	15
Non, si me satis audias, speres perpetuum dulcia barbare laedentem oscula, quae Venus quinta parte sui nectaris imbuit.	20
Felices ter et amplius quos inrupta tenet copula nec malis diuolsus querimoniis suprema citius soluet amor die.	20

²¹ Para as notas, servimo-nos principalmente das edições mencionadas nas referências bibliográficas.

Resumo: Ode erótica dirigida a uma personagem chamada Lídia. O poeta explicita o ciúme que sente ao escutar Lídia elogiar Télefo (vv. 1-4). Descreve então os efeitos sofridos ao ver a amada com outro: o sentido e a cor já não são mais os mesmos, lágrimas correm pela face e o calor toma conta dele (vv. 5-12). Este amor, porém, não é eterno. Feliz mesmo é quem consegue manter um amor até a morte (vv. 13-20).

Tradução: dístico formado por octossílabo seguido por dodecassílabo (repete-se em **1.19**; **3.9**; **3.15**; **4.1**)

Quando tu, Lídia²², colo róseo
de Télefo, de Télefo braços de cera
louvas, meu fígado – ai! –, fervendo
por dolorosa cólera, se faz inchado.
Já nem meu senso e minha cor **5**
no devido lugar permanecem, e lágrimas
correndo a furto pela face,
contam quão fundo me consumo em fogo lento.
Ardo, quer rixas, desmedidas **10**
pelo vinho, teu alvo ombro tenham manchado,
quer delirante moço tenha
feito lembrada marca co’o dente em teus lábios.
Se me escutasses, não ‘speravas
fosse eterno quem, bárbaro, fere teus beijos **15**
doces, que Vênus perfumou
com a quinta-essência de seu próprio néctar.
Feliz três vezes e bem mais,
a quem indissolúvel união retém,
e que um amor, que maus queixumes **20**
partem, antes não vai romper que o dia extremo.

1.19

Mater saeua Cupidinum
Thebanaeque iubet me Semelae puer
et lasciuua Licentia
finitis animum reddere amoribus.
Vrit me Glycerae nitor **5**
splendentis Pario marmore purius,
urit grata proteruitas
et uoltus nimium lubricus aspici.
In me tota ruens Venus **10**
Cyprum deseruit, nec patitur Scythas
aut uersis animosum equis
Parthum dicere nec quae nihil attinent.
Hic uiuum mihi caespitem, hic
uerbenas, pueri, ponite turaque **15**
bimi cum patera meri:

²² *Lídia*: nome grego, faz referência à Lídia (λύδια), nome de uma região da Ásia Menor que está associado à luxúria e voluptuosidade, bem adequado à cortesã. Cf. abaixo 1.25.8.

mactata ueniet lenior hostia.

Resumo: Vênus, Baco e Libertinagem obrigam o poeta a voltar para amor passado (vv. 1-4). Agora arde todo por Glícera (vv. 5-8) e assim, dominado por Vênus, não lhe é permitido cantar temas épicos (vv. 9-12). Ordena então que os jovens façam sacrifícios à deusa para que ela, mais branda, se aproxime (vv. 13-16).

Cruenta mãe da Cupidez
e o filho da tebana Sêmele e a lasciva
Libertinagem me prescrevem
voltar o coração aos meus amores findos.
Queima-me o brilho da esplendente **5**
Glícera²³ mais intenso que o mármore Pário²⁴,
queima-me a amável petulância
e o rosto, sensual demais para ser visto.
Abandonou Chipre²⁵, lançando-se
sobre mim, toda Vênus e não me permite **10**
cantar nem Citas²⁶ ou valente
Parto em cavalo fugidio, nem algo inútil.
Ponde aqui, jovens, vivo altar,
aqui sagrados ramos, e incenso com taça
de vinho puro de dois anos. **15**
Co'a vítima imolada, mais branda virá.

1.25

Estrofe sáfica: estrofe formada por três hendecassílabos sáficos seguidos por adônio (repete-se em **2.4; 2.8; 3.20**)

— U — — — U U — U — ^
— U — — — U U — U — ^
— U — — — U U — U — ^
— U U — ^

Parcius iunctas quatiunt fenestras
iactibus crebris iuuenes proterui
nec tibi somnos adimunt amatque
ianua limen,

quae prius multum facilis mouebat **5**
cardines. Audis minus et minus iam:
'me tuo longas pereunte noctes,
Lydia, dormis?'

²³ *Glícera:* nome formado do grego γλυκερός (doce), que se repete em 1.30.3; 1.33.2; 3.19.28. Traz no nome o *tópos* do “doce amor”.

²⁴ *Pário:* de Paros, uma das ilhas das Cíclades, grupo de ilhas ao sul do mar Egeu que forma um anel. Paros era conhecida por ter o mármore mais branco e puro.

²⁵ *Chipre:* ilha situada no mar Mediterrâneo, onde havia culto a Vênus. Depois de seu nascimento, foi levada pelos ventos à ilha.

²⁶ *Citas:* conjunto de povos que, juntamente com os Partos, citados em seguida, eram ameaças para Roma.

Inuicem moechos anus arrogantis
 flebis in solo leuis angiportu **10**
 Thracio bacchante magis sub inter-
 lunia uento,

cum tibi flagrans amor et libido,
 quae solet matres furiare equorum,
 saeuiet circa iecur ulcerosum, **15**
 non sine questu,

laeta quod pubes hedera uirenti
 gaudeat pulla magis atque myrto,
 aridas frondes hiemis sodali
 dedicet Euro²⁷. **20**

Resumo: Cada vez menos os jovens frequentam a casa de Lídia (vv. 1-8) que, velha, solitária e volúvel, chorará a perda dos amantes. Ela se irrita que a juventude prefira a hera verdecejante (jovem) ao mirto escurecido (velha). Os jovens oferecem as folhagens secas, velhas, ao Euro, vento companheiro do inverno (vv. 9-20)

Tradução: estrofe formado por três dodecassílabos seguidos por octossílabo (repete-se em **2.4; 2.8; 3.20**)

Mais raramente libertinos jovens batem,
 com numerosos golpes, na fresta fechada,
 nem te privam do sono. A porta, que antes movia
 mui facilmente as dobradiças,

agora ama a soleira. Escutas cada vez **5**
 menos: ‘tu, Lídia, dormes, enquanto eu pereço,
 eu que fui teu por longas noites’. Por tua vez,
 velha, num beco solitário,

volúvel, chorarás os amantes soberbos,
 quando o vento da Trácia²⁸, sob um interlúnio, **10**
 enraivece-se mais; enquanto o amor ardente
 e o entusiasmo, que costuma

enfurecer as mães dos cavalos, te irritam
 em teu fígado cheio de úlceras, e não

²⁷ Algumas edições trazem Hebro no lugar de Euro. Hebro é sustentado não só pelos manuscritos, mas também pelos escoliastas: Pseudo-Acrão e Porfirião comentam a palavra Hebro nesta passagem, lembrando que se trata de um rio da Trácia muito frio. De acordo com Nisbet–Hubbard (2001: 299), a conjectura Euro foi feita no início do séc. XVI e pode ser explicada por uma confusão fonética comum entre b e v; “o Hebro é, de fato, conhecido aos escritores bizantinos como Εὔροç (Euro). Há evidência em inscrições latinas para este tipo de mudança já no séc. I a.C.”

²⁸ vento da Trácia: Bóreas, vento norte, gelado.

sem tua queixa: que a alegre juventude mais **15**
se regozije com a hera

verdecejante e com o mirto escurecido;
que a alegre juventude venha a oferecer
folhagens ressequidas para o companheiro
de todo inverno, o vento Euro²⁹. **20**

1.33

Segunda estrofe asclepiadeia: três asclepiadeus menores seguidos por glicônio (repete-se em **3.10**)

— — — U U — — U U — U ^
— — — U U — — U U — U ^
— — — U U — — U U — U ^
— — — U U — U ^

Albi, ne doleas plus nimio memor
inmitis Glycerae neu miserabilis
decantes elegos, cur tibi iunior
laesa praeniteat fide.

Insignem tenui fronte Lycorida **5**
Cyri torret amor, Cyrus in asperam
declinat Pholoen: sed prius Apulis
iungentur capreae lupis

quam turpi Pholoe peccet adultero.
Sic uisum Veneri, cui placet inparis **10**
formas atque animos sub iuga aenea
saeuo mittere cum ioco.

Ipsum me melior cum peteret Venus,
grata detinuit compede Myrtale
libertina, fretis acrior Hadriae **15**
curuantis Calabros sinus.

Resumo: Dirigindo-se a Álbio, o poeta pede que não se lamente nem faça versos elegíacos porque sofre por Glícera (vv. 1-4). Licóride ama Ciro, mas esse deseja Fóloe que, por sua vez, não o quer. Este é o jogo de Vênus: aproximar desejos contrários (vv. 5-12). O poeta também, embora tenha uma Vênus melhor, está preso à liberta Mirtale, bastante irritadiça (vv. 13-16).

Tradução: estrofe formado por três dodecassílabos seguidos por octossílabo (repete-se em **3.10**)

Álbio³⁰, mais que demais não lamentos, lembrado

²⁹ Euro: vento leste.

³⁰ Ver *car.* 2.9 em que o poeta dirige-se a Válgio, também um elegíaco, como Álbio. Desde os comentadores antigos, Álbio é identificado com Tibulo, poeta elegíaco do círculo de Messala Corvino.

da amarga Glícera³¹, nem versos elegíacos
recantes, infelizes, porque alguém mais jovem,
co'a fé rompida, te supera.

O amor por Ciro³² queima Licóride³³, célebre **5**
por fina frente, e Ciro para áspera Fóloe³⁴
se inclina; antes, porém, as cabras se unirão
aos lobos Ápulos³⁵ que Fóloe

venha com torpe adúltero se desonrar. **10**
Vênus assim o quis, a quem é delectável,
por um jogo cruel, dispor sob mesmo jugo
de bronze, corpos e almas díspares.

Embora melhor Vênus a mim me buscase, **15**
deteve-me, com grata calceta, Mirtale³⁶,
a liberta, mais árdega que a vaga d'Ádria³⁷
que cava o golfo da Calábria³⁸.

2.4

Ne sit ancillae tibi amor pudori,
Xanthia Phoceu: prius insolentem
serua Briseis niueo colore
mouit Achillem;

mouit Aiacem Telamone natum **5**
forma captivae dominum Tecmessae;
arsit Atrides medio in triumpho
uirgine rapta,

barbarae postquam cecidere turmae **10**
Thessalo uictore et ademptus Hector
tradidit fessis leuiores tolli

Pseudo-Acrão, por exemplo (em KELLER 1967: 118): *Albium Tibullum alloquitur, elegorum poetam, consolans eum exemplo aliorum* [Fala a Álbio Tibulo, poeta de versos elegíacos, consolando-o com exemplo de outros]. Para a análise desta ode, enviamos o leitor a Mario Labate, “La forma dell’amore: appunti sulla poesia erotica oraziana”, em *Atti dei Convegni di Venosa*, Venosa: Edizioni Osanna, 1993, p. 83 e Paulo Sérgio de Vasconcelos, “Horácio, Odes I.33 e a recepção da poesia amorosa”, *Classica*, 21 I (2008), pp.112-125.

³¹ *amarga Glícera*: sobre o nome, ver nota 23. O acostamento de “amarga” ou “não doce” (inmitis) a Glícera (doce), produzindo oximoro, retoma tópos erótico, o doce-amargo (γλυκύπικρος) de Safo (fr. 130).

³² *Ciro*: nome típico de amante na poesia erótica (cf. *carm.* 1.17.25).

³³ *Licóride*: nome da amada do poeta elegíaco Cornélio Galo, que ecoa λύκος (lobo), animal mencionado logo na sequência, no *adýnaton* (vv. 7-8).

³⁴ *Fóloe*: amada que aparece também no *carm.* 2.5.17, fugidia.

³⁵ *Ápulos*: da Apúlia, região da Itália meridional.

³⁶ *Mirtale* (Mírtale): nome que ecoa *myrtus* (murta), planta associada a Vênus.

³⁷ *Ádria*: mar Adriático.

³⁸ *Calábria*: não é a atual Calábria, mas identificada com a atual Salento.

Pergama Graís.

Nescias an te generum beati
Phyllidis flauae decorent parentes;
regium certe genus et penatis
maeret iniquos. 15

Crede non illam tibi de scelesta
plebe dilectam, neque sic fidelem,
sic lucro auersam potuisse nasci
matre pudenda. 20

Bracchia et uoltum teretesque suras
integer laudo: fuge suspicari
cuius octauum trepidauit aetas
claudere lustrum.

Resumo: Xântias não deve se envergonhar de amar a própria escrava, já que Aquiles, Ajax, Agamêmnon fizeram o mesmo (vv. 1-12). Talvez seja ela de família real e ele não saiba (vv. 13-16). Não acredita que ela, embora da ímpia plebe e de vergonhosa mãe, possa ter nascido tão fiel e avessa ao lucro (vv. 17-20). Não é preciso que Xântias suspeite de alguém com quarenta anos completos, como o poeta que a louva, mas sem tocá-la (vv. 21-24)

Não pejes por amar tua criada,
Xântias Foceu³⁹! Antes Briseide⁴⁰, a escrava
de nívea cor, a Aquiles insolente
comoveu; a beleza

da cativa Tecmessa⁴¹ ao senhor, Ajax, 5
de Telamão nascido, comoveu;
o Atrida⁴², em meio ao seu triunfo, ardeu
pelo rapto da virgem⁴³,

depois que as tropas bárbaras caíram
co' a vitória Tessálica⁴⁴ e que Heitor 10
morto deixou aos Gregos lassos Pérgamo⁴⁵
mais leve a ser tomada.

Não sabes se os ditosos pais da loura

³⁹ *Xântias Foceu*: Xântias, nome formado de ξανθός (louro); Foceu, da Fócida, região da Ásia Menor.

⁴⁰ *Briseide*: escrava que Aquiles recebeu como butim de guerra; depois, exigida por Agamêmnon por ter de devolver Criseide, origina a cólera do filho de Peleu, matéria da *Ilíada*.

⁴¹ *Tecmessa*: Ajax, filho de Telamão, a raptou da Frígia e viveu com ela em Tróia.

⁴² *Atrida*: filho de Atreu, Agamêmnon.

⁴³ *virgem*: Cassandra, filha de Príamo, rei de Tróia. Foi levada por Agamêmnon, em seu retorno a Micenas.

⁴⁴ *vitória Tessália*: no original, mais propriamente, “o vencedor Tessálio”, isto é, Aquiles.

⁴⁵ *Pérgamo*: outro nome de Tróia.

Fílis⁴⁶ não te honrariam como genro;
decerto chora sua régia origem **15**
e os iníquos Penates⁴⁷.

Crê que ela, por ti eleita, sendo de ímpia
plebe, nascer não pôde assim fiel,
ao lucro assim avessa, de uma mãe **20**
que a faz enrubescer.

Seus braços, rosto, pernas torneadas
sem tocar elogio e não suspeites
de quem a idade se precipitou
em fechar oito lustros⁴⁸.

2.5

Estrofe alcaica: formado por dois alcaicos maiores (de onze sílabas), seguidos por alcaico de nove sílabas e por um alcaico menor (dez sílabas)

^ — ∪ — — — ∪ ∪ — ∪ ^
^ — ∪ — — — ∪ ∪ — ∪ ^
^ — ∪ — — — ∪ — ^
— ∪ ∪ — ∪ ∪ — ∪ — ^

Nondum subacta ferre iugum ualet
ceruice, nondum munia comparis
aequare nec tauri ruentis
in uenerem tolerare pondus.

Circa uirentis est animus tuae **5**
campos iuuencae, nunc fluuiis grauem
solantis aestum, nunc in udo
ludere cum uitulis salicto

praegestientis. Tolle cupidinem **10**
immitis uuae: iam tibi liuidos
distinguet autumnus racemos
purpureo uarius colore;

iam te sequetur; currit enim ferox
aetas et illi quos tibi dempserit **15**
adponet annos; iam proterua
fronte petet Lalage maritum,

dilecta, quantum non Pholoe fugax,
non Chloris albo sic umero nitens
ut pura nocturno renidet **20**
luna mari Cnidiusue Gyges,

⁴⁶ *Filis*: nome formado de φύλλον (folha).

⁴⁷ *Penates*: divindades romanas que protegem os lares.

⁴⁸ *lustro*: período de cinco anos.

quem si puellarum insereres choro,
 mire sagacis falleret hospites
 discrimen obscurum solutis
 crinibus ambiguoque uoltu.

Resumo: A jovem, comparada a uma novilha, ainda não está pronta para ser esposa. Assim deve, portanto, afastar o desejo pela jovem (vv. 1-9). Mas Lálage logo vai amadurecer e então buscará um marido, quando será mais amada que Fóloe, Clóris e Giges, que parece uma moça (vv. 9-24). Vale ressaltar a contiguidade de 2.4 e 2.5, um par erótico na sequência do segundo livro das *Odes*.

Tradução: dois dodecassílabos seguidos por eneassílabo e decassílabo

Ainda não é capaz de suportar o jugo
 co'a domada cerviz, nem ainda igualar
 de cônjuge o dever, nem sofrer
 do touro o peso que se lança a Vênus.

Está nos verdes campos o ânimo de tua **5**
 novilha, que ora abranda em rios o calor forte,
 ora anseia, co'os novilhos, brincar
 no úmido salgueiral. Tua cupidez

por uvas imaturas afasta: de cor **10**
 púrpura o variado outono para ti
 logo vai matizar cachos lívidos;
 logo vai te seguir, já que, indomável,

prossegue o tempo e vai lhe acrescentar os anos
 que tiver retirado de ti; logo vai **15**
 buscar Lálage⁴⁹, com petulante
 frente, um marido, amada como não

o foram Fóloe⁵⁰ fugitiva, nem aquela
 que brilha, Clóris⁵¹, por seu branco ombro, tal como
 a lua cheia resplandece no mar
 noturno, nem ainda Giges Cnídio⁵², **20**

este se introduzisses em coro de jovens,
 enganaria, de modo admirável, astutos
 estrangeiros, distinção difícil

⁴⁹ *Lálage*: mais uma vez, característica horaciana, nome de mulher formado de palavra grega: λαλαγειν (tagarelar).

⁵⁰ Ver nota 34. Fóloe e Clóris são mencionadas também no *carm.* 3.15.7-8.

⁵¹ *Clóris*: de γλωρός (verde claro, pálido). A palidez que traz no nome é materializada em seu ombro branco (*albo...umero*). Fóloe e Clóris são mencionadas também no *carm.* 3.15.7-8.

⁵² *Giges Cnídio*: Giges de Cnido, cidade em que havia importante culto a Vênus. O passo que se segue (vv. 21-24) alude ao episódio em que Aquiles, disfarçado de mulher, se esconde entre as filhas do rei Licomedes para não ir à guerra de Tróia.

pelo cabelo solto e rosto ambíguo.

2.8

Vlla si iuris tibi peierati
poena, Barine, nocuisset umquam,
dente si nigro fieres uel uno
turpior ungui,

crederem: sed tu simul obligasti 5
perfidum uotis caput, enitescis
pulchrior multo iuuenumque prodis
publica cura.

Expedit matris cineres opertos
fallere et toto taciturna noctis 10
signa cum caelo gelidaque diuos
morte carentis.

ridet hoc, inquam, Venus ipsa, rident
simplices Nymphae ferus et Cupido
semper ardentis acuens sagittas 15
cote cruenta.

adde quod pubes tibi crescit omnis,
seruitus crescit noua nec priores
inipiae tectum dominae relinquunt
saepe minati. 20

te suis matres metuunt iuuenis,
te senes parci miseraeque nuper
uirgines nuptae, tua ne retardet
aura maritos.

Resumo: O poeta diz que acreditaria em Barine, se ela tivesse sofrido alguma punição por seus perjúrios, mas ela se torna mais bela (vv. 1-8). Ela viola todos os juramentos; Vênus, Ninfas e Cupido riem disso (vv. 9-16). Mesmo assim Barine conquista novos escravos, sem que os antigos apaixonados a deixem. As mães, preocupadas com os filhos; os pais, preocupados com o dinheiro, e as esposas, preocupadas com os maridos, todos temem Barine (vv. 17-24).

Se um dia, Barine⁵³, algum castigo por um falso
juramento tivesse te prejudicado,
se por um dente negro te tornasses mais
torpe ou apenas por uma unha,

em ti acreditaria; mas logo que empenhaste 5
tua pérfida cabeça por votos, tu, muito

⁵³ *Barine*: proveniente de *Barium*, a atual Bari, na Apúlia.

mais bela, resplandeces e te tornas pública
preocupação da juventude.

Convém a ti enganar as sepultadas cinzas
de tua mãe e os sinais taciturnos da noite, **10**
com todo céu, e as divindades que estão livres
da morte gélida. Ri disto

– eu digo – a própria Vênus, riem disto as Ninfas
inocentes e o fero Cupido que sempre **15**
aguça suas ardentes setas em calhau
ensangüentado. Ajunta ainda

que toda mocidade cresce para ti,
cresce uma escravidão nova, e os anteriores **20**
não desprezam o teto de sua ímpia senhora,
embora façam ameaças.

A ti temem as mães por seu novilho, a ti
temem os velhos avarentos e infelizes
virgens, recentemente casadas, que teu
cheiro os maridos reter possa.

3.9

“Donec gratus eram tibi
nec quisquam potior bracchia candidae
ceruici iuuenis dabat,
Persarum uigui rege beatior.”

“Donec non alia magis **5**
arsisti neque erat Lydia post Chloen,
multi Lydia nominis
Romana uigui clarior Ilia.”

“Me nunc Thressa Chloe regit,
dulcis docta modos et citharae sciens, **10**
pro qua non metuam mori,
si parcent animae fata superstiti.”

“Me torret face mutua
Thurini Calais filius Ornyti, **15**
pro quo bis patiar mori,
si parcent puero fata superstiti.”

“Quid si prisca redit Venus
diductosque iugo cogit aeneo,
si flaua excutitur Chloe **20**
reiectaeque patet ianua Lydiae?”

“Quamquam sidere pulchrior
ille est, tu leuior cortice et inprobo
iracundior Hadria,
tecum uiuere amem, tecum obeam lubens.”

Resumo: “Enquanto eu te agradava e ninguém preferido a mim cingia teu alvo pescoço, vivi mais feliz que o rei dos Persas” (vv. 1-4). “Enquanto não ardeste mais por outra do que por mim e Lídia não estava depois de Cloe, vivi mais famosa que a Ília Romana” (vv. 5-8). “Agora Cloe me governa e não temerei morrer por ela” (vv. 9-12). “Estou apaixonada por Cálais e ele por mim, e suportarei morrer duas vezes por ele” (vv. 13-16). “Antigo amor pode voltar e, repelida Cloe, minha porta se abre novamente a Lídia” (vv. 17-20). “Embora Cálais seja mais belo que um astro e tu mais violento que o Adriático, feliz viveria e morreria contigo” (vv. 21-24).

“Enquanto eu te era deleitável
e nenhum jovem repousava, em teu colo alvo,
os braços, a mim preferido,
eu vivi mais feliz que o soberano Persa⁵⁴.”
“Enquanto não por outra ardeste **5**
mais que por mim e estava Lídia⁵⁵ não depois
de Cloe⁵⁶, de mui renome Lídia,
eu vivi mais ilustre que a Romana Ília⁵⁷.”
“A mim governa ora Cloe Tressa⁵⁸,
douta nos doces modos e exímia na cítara, **10**
por quem morrer não temerei,
se o destino se abstém de sua alma supérstite.”
“Por tocha mútua me consome
Cálais, filho de Ornito Turino⁵⁹, por quem **15**
dupla vez morrer sofrerei,
se o destino se abstém deste jovem supérstite.”
“E se retorna antiga Vênus,
e reúne sob jugo de bronze os dispersos?
Se é repelida a loura Cloe
e minha porta se abre a rejeitada Lídia?” **20**
“Embora seja ele mais belo
que um astro e tu mais leve que a cortiça e mais
irritadiço que ávido Ádria⁶⁰,
contigo viveria, contigo morreria.”

3.10

Extremum Tanain si biberes, Lyce,

⁵⁴ Fala proverbial.

⁵⁵ *Lídia*: ver nota 22.

⁵⁶ *Cloe*: do grego *χλόη* (grama ainda verde, broto), nome que indica alguém jovem, uma moça imatura, que está presente nos *carm.* 1.23.1; 3.7.10; 3.26.12.

⁵⁷ *Romana Ília*: Ília, outro nome de Réia Sílvia, mãe de Remo e Rômulo, esse último fundador de Roma.

⁵⁸ *Tressa*: da Trácia, antiga região macedônia, localizada ao sudeste da Europa.

⁵⁹ *Cálais*, filho de Ornito Turino: Cálais, nome de personagem das Argonáuticas (1.211: ... *Κάλαϊς τε Βορήιοι υἱες...*), filho de Bóreas, que derivaria de *καλός* (belo); Ornito, outro nome grego, ὄρνυμι (agitar, pôr em movimento, fazer levantar), também mencionado no poema de Apolônio (1. 207: ... Ὀρνυτίδαο); Turino, de Túrio, cidade próxima a Síbaris, do Golfo de Tarento.

⁶⁰ Ver nota 37.

saeuo nupta uiro, me tamen asperas
porrectum ante foris obicere incolis
plorares Aquilonibus.

Audis, quo strepitu ianua, quo nemus 5
inter pulchra satum tecta remugiat
uentis, et positas ut glaciēt niues
puro numine Iuppiter?⁶¹

Ingratam Veneri pone superbiam,
ne currente retro funis eat rota: 10
non te Penelopen difficilem procis
Tyrrhenus genuit parens.

O quamuis neque te munera nec preces
nec tinctus uiola pallor amantium
nec uir Pieria paelice saucius 15
curuat, supplicibus tuis

parcas, nec rigida mollior aesculo
nec Mauris animum mitior anguibus:
non hoc semper erit liminis aut aquae
caelestis patiens latus. 20

Resumo: Lice, se fosses Cita, lamentarias me deixar estendido diante de tua porta (vv. 1-4). Não escutas que os ventos agitam as árvores? Não vêes como a neve se endurece? Não sejas tão soberba, pois posso desistir. Teu pai é Etrusco e, portanto, tu não és Penélope (vv. 5-12). Se nada pode te dobrar, considera ao menos os que te suplicam. Tu és tão dura quanto o carvalho e tão amarga quanto a serpente: meu corpo não será sempre resistente à chuva e à soleira (vv. 13-20)

Ó Lice⁶², se bebesses o Tânaís⁶³ longínquo,
casada com cruel marido, me deixar
estendido ante dura porta⁶⁴ aos Aquilões⁶⁵,
de lá habitantes, chorarias.

Ouves com que ruído a entrada, pelos ventos, 5

⁶¹ Bentley lê *duro* em lugar de *puro*. Porém, seguimos a edição “Les Belles Lettres” e os escoliastas, Pseudo-Acrão e Porfirião.

⁶² *Lice*: nome grego (λύκη, “pele de lobo”); a personagem, pelo nome, é caracterizada como cruel.

⁶³ *Tânaís*: rio da Cítia, grande região ao norte do mundo conhecido pelos antigos. Os limites do mundo, as regiões mais distantes, eram considerados não civilizados. O mesmo rio aparece nos *carm.* 3.29.28; 4.15.24. A punição dos citas para a infidelidade feminina era a morte. É notável o adjetivo *extremus*, na *extremidade* inicial do verso.

⁶⁴ *ante dura porta*: o poeta trabalha neste poema a tópica do *paraclausithyron*: o lamento do amante diante da porta da amada, sempre fechada para ele; tópica muito comum na poesia elegíaca latina (cfr. Tibulo: I, 2, vv. 1-14; I, 5, vv. 67-68; I, 8, vv. 75-76; Propércio: I, 16), mas já bastante presente na poesia grega helenística e mesmo na comédia latina.

⁶⁵ *Aquilões*: vento norte.

muge? Com que ruído o bosque, na tua bela
casa plantado? E como Jove, sob sereno
nune, caída neve enrija?

Abandona a soberba que desgosta Vênus,
para que a corda pra trás não vá, com a roda
correndo: um pai Tirreno, difícil Penélope⁶⁶
aos pretendentes, não te fez. **10**

Oh!, ainda que nem preces, nem presentes, nem
a palidez de amantes tinta de violeta,
nem o esposo ferido por rival Piéria⁶⁷
te dobrem, poupes os teus súplices, **15**

tu que não és mais branda que o rijo carvalho,
nem mais doce em teu peito que as serpentes Mauras⁶⁸:
este corpo não há de sempre suportar
água celeste ou tua soleira. **20**

3.12

*Estrofe iônica: versos formados pelo iônico a minore*⁶⁹

U U — — U U — — U U — — U U — —
U U — — U U — — U U — —
U U — — U U — — U U — —

Miserarum est neque amori dare ludum neque dulci
mala uino lauere aut exanimari
metuentis patruae uerbera linguae.

Tibi qualum Cythereae puer ales, tibi telas
operosaeque Mineruae studium aufert,
Neobule, Liparaei nitor Hebri, **5**

simul unctos Tiberinis umeros lauit in undis,
eques ipso melior Bellerophonte,

⁶⁶ *Tirreno, difícil Penélope*: tirrenos eram famosos pela luxúria e assim contrastam com Penélope, personagem modelar da fidelidade ao marido, Odisseu, por quem espera 20 anos.

⁶⁷ *Piéria*: região da Macedônia.

⁶⁸ *serpentes Mauras*: serpentes africanas.

⁶⁹ A métrica deste poema é bastante controversa e não pretendemos discuti-la detalhadamente. Aqui seguimos a edição “Les Belles Lettres”. O poema tem como elemento fundamental o chamado iônico *a minore*, seqüência de duas sílabas breves seguidas por duas longas, como diz Pseudo-Acrão (em KELLER 1967: 268). O escoliasta, porém, propõe divisão dos versos diferente da de F. Villeneuve: o segundo verso terminaria em *ex-*, separando assim a palavra (*exanimari*), e o terceiro começaria com *animari*. Este poema chama a atenção, quanto à métrica, por ser o único neste metro, chamado ‘sotadeu’ ou ‘sotádico’ pelo escoliasta na referida passagem, e por ser o único com estrofe de três versos, e não de quatro, como é habitual. Para outras discussões e textos sobre o assunto, ver NISBET–RUDD (2004: 166). O metro, porém, é usado por Alceu.

neque pugno neque segni pede uictus,

catus idem per apertum fugientis agitato **10**
grege ceruos iaculari et celer arto
latitantem fruticeto excipere aprum.

Resumo: Infelizes são as jovens que não desfrutam do amor, não esquecem os males com vinho e temem ser perturbadas por língua severa (vv. 1-3). Neobule, tuas tarefas domésticas são interrompidas por Cupido e por Hebro, quando este se lava nas águas do Tibre. Hebro é melhor cavaleiro que Belerofonte e jamais foi vencido por causa da lentidão de seus punhos e pés (vv. 4-9); sagaz em acertar cervos que fogem por campo aberto e pronto para capturar javali que se esconde na mata (vv. 10-12).

Tradução: estrofe formado por um verso de quatorze sílabas (sete mais sete) seguido por dois decassílabos

É próprio das infelizes não dar prazer a amor,
nem afogar em doce vinho os males
ou, por língua severa⁷⁰, ser turbado.

De ti, Neobule⁷¹, alado jovem de Citeréia⁷²
rouba o cesto; de ti a beleza d'Hebro **5**
Lipareu⁷³, teia e esforço de Minerva⁷⁴

operosa, ao lavar n'água do Tibre ombros untados.
Belerofonte monta pior que Hebro⁷⁵,
com seu punho e pé lentos não vencido;

sagaz em acertar cervos que em campo aberto fogem, **10**
na caça ao bando, e pronto a capturar
javali que se oculta em mata estreita.

3.15

Vxor pauperis Ibyci,
tandem nequitiae fige modum tuae

⁷⁰ *língua severa:* No original latino, de modo mais literal, se diz: “serem perturbados, temendo os golpes da língua do tio”. Comenta Pseudo-Acrão (em KELLER 1967: 269): *Sensus est: aut cruciari castigatione uerborum. ‘Patruae’ autem ‘linguae’ pro seueritate dixit* [Este é o sentido: ou ser atormentado por repreensão de palavras. Disse, porém, ‘língua do tio’ em lugar de severidade]

⁷¹ *Neobule:* formado por νέος (novo) e βουλή (decisão). Nome da inimiga de Arquíloco, contra quem faz seus iambos.

⁷² *alado jovem de Citeréia:* Cupido; Citeréia, de Citera, ilha na costa sul do Peloponeso, onde havia importante culto a Vênus, que para lá teria ido logo depois de seu nascimento.

⁷³ *Hebro Lipareu:* o nome da personagem, Hebro, é o mesmo do rio da Trácia; Lipareu, de Lípara, ilha da costa norte da Sicília; o nome, derivado de λιπαρός (brilhante de óleo), pode sugerir que se trata de um atleta, que costumava passar azeite no corpo.

⁷⁴ *Minerva:* em contraste com Vênus, ligada aos trabalhos femininos, especialmente à tecelagem.

⁷⁵ Em tradução mais literal: “(Hebro) é melhor cavaleiro que o próprio Belerofonte”. Belerofonte é o herói que lutou contra a Quimera, montando o Pégaso. Para os detalhes, ver *Iliada*, 6.155 e ss.

famosisque laboribus;
 maturo propior desine funeri
 inter ludere uirgines **5**
 et stellis nebulam spargere candidis.
 Non, siquid Pholoen satis,
 et te, Chlori, decet. Filia rectius
 expugnat iuenum domos,
 pulso Thyias uti concita tympano. **10**
 Illam cogit amor Nothi
 lasciuae similem ludere capreae:
 te lanae prope nobilem
 tonsae Luceriam, non citharae decent
 nec flos purpureus rosae **15**
 nec poti uetulam faece tenus cadí.

Resumo: Esposa de Íbico, põe termo à tua devassidão (vv. 1-3). Já mais próxima da morte, desiste de brincar entre as jovens e assim lançar nevoeiro sobre o brilho das jovens estrelas (vv. 4-6). É mais adequado a Fóloe atacar a casa dos jovens, como uma bacante, do que a ti, Clóris (vv. 7-10). A ela, semelhante à lasciva cabra, convém perseguir o amado Noto; a ti, convêm lãs tosadas, mas não a cítara, a rosa ou jarras bebidas até a borra (vv. 11-16).

Ó tu, do pobre Íbico⁷⁶ esposa,
 à tua devassidão, finalmente, põe termo,
 e aos teus esforços infamantes;
 mais próxima da morte madura, desiste
 de brincar entre jovens moças **5**
 e de bruma espalhar sobre as alvas estrelas.
 Se algo convém bastante a Fóloe,
 não convém a ti, Clóris⁷⁷, também. Apodera-se⁷⁸,
 mais a propósito, da casa
 dos jovens tua filha, qual Tíada⁷⁹ movida **10**
 pelo do tímpano⁸⁰ pulsar.
 O amor por Noto⁸¹ a move, qual lasciva cabra,
 a brincar. Lãs tosadas perto
 da célebre Lucéria⁸² a ti, velha, convêm,
 mas não flor púrpura da rosa, **15**
 nem cítara, nem jarra bebida até a borra.

3.20

⁷⁶ *Íbico*: nome que faz lembrar do poeta arcaico grego, conhecido por seus poemas eróticos (cf. Cícero, *Tusc.* 4.71).

⁷⁷ Fóloe e Clóris, personagens que já apareceram anteriormente, ver notas 34 e 51.

⁷⁸ *Apodera-se*: no original latino, *expugnat* (“toma de assalto”), termo bélico usado em contexto erótico. É a *militia amoris* como no carm. 3.26.

⁷⁹ *Tíada*: bacante.

⁸⁰ tímpano: instrumento de percussão associado ao culto de Cíbele e Dioniso.

⁸¹ *Noto*: o nome da personagem é grego (νόθος) e significa “bastardo”.

⁸² *Lucéria*: cidade da Apúlia, célebre por sua lã. O poeta quer que se entenda aqui que o trabalho doméstico (com a lã) lhe é conveniente, e não os prazeres do simpósio.

raptado d'Ida cheio d'água⁸⁶.

4.1

Intermissa, Venus, diu
 rursus bella moues? parce precor, precor.
 Non sum qualis eram bonae
 sub regno Cinarae. Desine, dulcium
 mater saeua Cupidinum, **5**
 circa lustra decem flectere mollibus
 iam durum imperiis: abi,
 quo blandae iuuenum te reuocant preces.
 Tempestiuus in domum
 Pauli purpureis ales oloribus **10**
 comissabere Maximi,
 si torrere iecur quaeris idoneum;
 namque et nobilis et decens
 et pro sollicitis non tacitus reis
 et centum puer artium **15**
 late signa feret militiae tuae,
 et, quandoque potentior
 largi muneribus riserit aemuli,
 Albanos prope te lacus
 ponet marmoream sub trabe citrea. **20**
 Illic plurima naribus
 duces tura Iyraque et Berecyntia
 delectabere tibia
 mixtis carminibus non sine fistula;
 illic bis pueri die **25**
 numen cum teneris uirginibus tuum
 laudantes pede candido
 in morem Salium ter quatient humum.
 Me nec femina nec puer
 iam nec spes animi credula mutui **30**
 nec certare iuuat mero
 nec uincire nouis tempora floribus.
 Sed cur heu, Ligurine, cur
 manat rara meas lacrima per genas?
 Cur facunda parum decoro **35**
 inter uerba cadit lingua silentio?
 Nocturnis ego somniis
 iam captum teneo, iam uolucrum sequor
 te per gramina Martii

⁸⁶ Nireu e Ganimedes (“aquele que foi raptado...”): Nireu e Ganimedes, citados por serem belos [cfr. *Iliada*, 2, v. 673: “Era Nireu o mais belo, debaixo dos muros de Tróia”, e 20, vv. 232-233: “...Ganimedes deiforme/ que entre os mortais foi, sem dúvida, o herói de mais bela aparência” (trads. Carlos Alberto Nunes)]. Para o rapto de Ganimedes, como Pseudo-Acrão (em KELLER 1967: 291), citamos Virgílio, *Eneida*, 5, vv. 252-255: “No Ida selvoso os despedidos cervos/ corre a dardo e os fatiga; e lá nas garras/ altaneira às estrelas o arrebatada/ a armígera de Jove...” (trad. Odorico Mendes).

campi, te per aquas, dure, uolubilis. **40**

Resumo: Vênus, suscitadas em mim as guerras do amor, há muito tempo interrompidas. Poupa-me, pois já não sou como antes. Agora, próximo dos cinquenta anos sou contrário a tua lei (vv. 1-8). Vai para casa de Fábio Máximo, sobre as asas de teus brilhantes cisnes, onde serás honrada por um jovem nobre e belo, cheio de mil talentos, que portará tuas insígnias para bem longe e fará um templo para ti, quando vencer um rival no amor (vv. 9-20). Lá duas vezes por dia, com muito incenso, serás celebrada por moços e moças, cantando e dançando à maneira dos Sálios (vv. 21-28). Já não me agradam mais jovem, mulher, esperança crédula em uma alma que corresponde, competir com vinho ou coroar-me com flores (vv. 29-32). Mas, Ligurino, por que choro? Por que, outrora eloqüente, caio no indecoroso silêncio? Em meus sonhos noturnos, ora a ti, cativo, te mantenho; ora a ti, veloz, te persigo pelo gramado do Campo de Marte ou, ah! cruel, pelas águas que correm (vv. 33-40).

Vênus, há muito interrompidas,
guerras de novo causas? Poupa-me, te imploro⁸⁷.
Não sou qual era sob o reino
da boa Cínara⁸⁸. Cessa tu de me dobrar,
cruenta mãe da Cupidez⁸⁹ **5**
doce; a mim, próximo dos dez lustros⁹⁰ e agora
áspero à tua suave lei;
vai p'ra onde as brandas preces dos jovens te chamam.
Mais a propósito, na casa
de Paulo Máximo⁹¹ farás festa, de teus **10**
cisnes brilhantes sobre as asas,
se quiseres queimar um peito a ti propício,
pois, nobre e belo, não calado
em favor de acusados inquietos, jovem
de mil talentos, portará **15**
as insígnias de tua milícia bem ao longe,
e quando rir, mais poderoso
que os dons de um generoso rival, sob a viga
de um limoeiro por-te-á,
feita em mármore, perto dos Albanos⁹² lagos. **20**
Ali muitíssimos incensos
sentirás e serás deleitada por versos

⁸⁷ No original latino, o verbo *precor* (“rogo”, “peço”) é repetido duas vezes para imitar a insistência e preocupação da *persona loquens*. Como não conseguimos repeti-lo na tradução, escolhemos uma palavra que pudesse, de algum modo, dar esta idéia.

⁸⁸ *Cínara*: nome grego que indica uma espécie de peixe (κινάρα), presentes nas *epist.* 1.7.28 e 1.14.33, e no *carm.* 4.13.21.

⁸⁹ Verso do original latino é igual ao primeiro do *carm.* 1.19. Assim, aqui, traduzimos da mesma maneira. Vale comentar aqui que os dois poemas, os *carm.* 1.19 e 4.1, estão no mesmo metro e têm matéria semelhante. Horácio, já mais velho, na caracterização do *carm.* 4.1, não quer voltar à lírica erótica, praticada anteriormente, referida na autocitação.

⁹⁰ Ver nota 48.

⁹¹ *Paulo Máximo*: Paulo Fábio Máximo, cônsul em 11 a.C., pertencia a uma das famílias mais nobres de Roma; homem de confiança de Augusto, tem destaque no livro ao ser louvado na ode de abertura.

⁹² Albanos lagos: nos Montes Albanos, perto de Roma.

mistos à tibia Berecintia ⁹³ e à lira, sem faltar a flauta de Pã; jovens ali, com tenras moças, duas	25
vezes por dia, tua divindade enaltecendo, com brancos pés, a terra vão sacudir, à maneira dos Sálíos ⁹⁴ , três vezes. A mim nem jovem, nem mulher, nem esperança crédula numa alma mútua	30
me agradam mais, nem competir com vinho, nem com flores novas coroar-me. Mas, ai!, por quê? Meu Ligurino ⁹⁵ , por que por minha face corre rara lágrima?	35
Por que em um tão pouco decoroso ⁹⁶ silêncio cai loquaz minha língua, no meio da fala? Em meus sonhos noturnos, ora cativo te mantenho, ora por relvas do Campo Márcio ⁹⁷ te persigo alado ou por mudáveis águas, ah! cruel.	40

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- HOLDER, Alfred (recensuit), *Pomponi Porfyronis commentum in Horatium Flaccum*, New York: Arno Press, 1979.
- HORACE, *Odes et Épodes*, texte établi et traduit par F. Villeneuve, Paris, “Les Belles Lettres”, 1927.
- HORÁCIO, *A lyrica de Q. Horacio Flacco, poeta romano, trasladada literalmente em verso português por Elpino Duriense*. Lisboa: Imprensa Régia, 1807, 2 tomos.
- _____, *Arte Poética*, intr., trad. e com. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 2001.
- _____, *Obras completas (Odes, Épodos, Carme Secular, Sátiras e Epístolas)*; traduções de Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luís Seabra e Francisco Antônio Picot. São Paulo: Edições Cultura, 1941.
- HORATIVS, *Carmina*, editit F. Vollmer, Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri, MCMXXV.
- ORAZIO, *Arte Poetica*. Introduzione e commento di Augusto Rostagni. Torino, Loescher Editore, 1986.
- CHOCIAY, R., *Teoria do Verso*. São Paulo: McGraw-Hill, 1974.
- ELÍSIO, FILINTO, *Obras Completas de Filinto Elísio*, edição de Fernando Moreira, tomos IV e IX. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1999 e 2001.
- FERREIRA, António. *Poemas Lusitanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.
- KELLER, Otto (recensuit), *Pseudacronis scholia in Horatium uetustiora*, Stutgardiae in aedibus B. G. Teubneri, MCMLXVII, vol. I e II.

⁹³ *Tibia Berecintia*: flauta Frígia.

⁹⁴ *Sálíos*: sacerdotes de Marte, eram conhecidos por sua dança particular.

⁹⁵ *Ligurino*: da Ligúria, província marítima da Gália Cisalpina, ao norte da Itália.

⁹⁶ Verso hipermétrico no original e na tradução. É notável que a sílaba a mais no original latino se dá justamente no verso em que aparece o adjetivo *facunda* (loquaz) que caracteriza *lingua*, ou seja, o verso mimetiza a loquacidade da língua com a sílaba excedente.

⁹⁷ *Campo Márcio*: Campo de Marte, local para prática de esportes, exercícios militares, junto ao Tibre.

- NISBET, R.G.M. & HUBBARD, M., *A commentary on Horace, Odes, Book I*. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- _____, *A commentary on Horace, Odes, Book II*. Oxford: Clarendon Press, 2004.
- NISBET, R.G.M. & RUDD, NIALL, *A commentary on Horace, Odes, Book III*, Oxford: Oxford University Press, 2007
- PEREIRA, M. H. R., *Temas clássicos na poesia portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.
- RAMOS, P. E. DA S. “Introdução” em GÓNGORA, *Fábula de Polifemo e Galatéia e outros poemas*, trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, 2008.
- REBELO, L. DE S., *A tradição clássica na literatura portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1982.
- PREDEBON, ARISTÓTELES ANGHEBEN, *Edição do Manuscrito e Estudo das Metamorfoses de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire*, dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, orientada por João Angelo Oliva Neto, 2006, inédita.
- TESCARI, O. (CUR.), *Q. Orazio Flacco, I carmi*, scelti e commentati ad uso delle scuole. Torino: Società Editrice Internazionale, 1948.